

CEDI

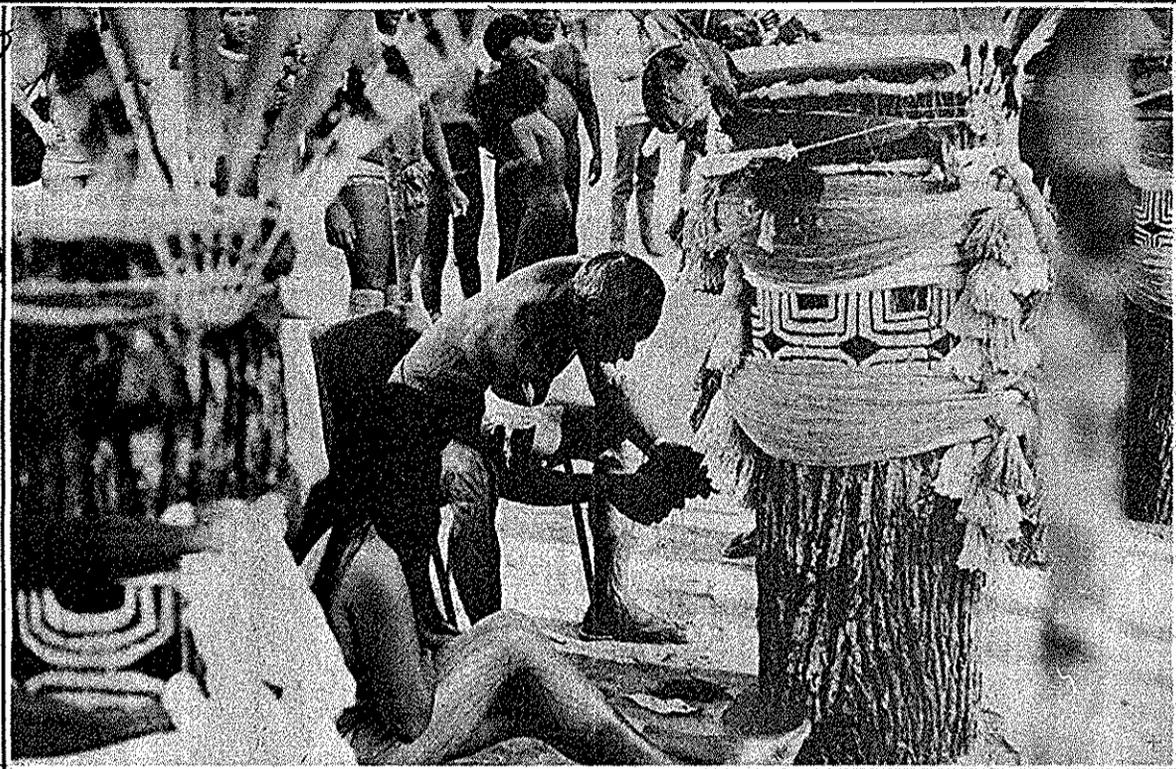
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Brasileiro

Class.: PIX - Quaup/Vizites

Data: 01/09/86

Pg.: 733



Lideranças do Xingu vão criar um centro na Capital

A memória indígena

CARMEM MORETZSHON
Da Editoria de Cultura

Quem sabe o que poderá ocorrer às nações indígenas do País daqui a 50 anos? Com a constante violência/violação de que são vítimas, é de se supor que pouca coisa possa restar. Os índios não estão iludidos, apesar de manter uma luta ferrenha por seus direitos. No entanto, acreditam que sua cultura deve ser preservada contra tudo e todos. Deve estar integrada à cultura da sociedade branca. Não como mais um museu de curiosidades, mas como um centro dinâmico, que tenha a finalidade também de ensinar aos brancos o artesanato, a pintura, a música e as tradições das comunidades indígenas. O primeiro passo estará sendo dado dentro em breve: no próximo dia 15, chegarão a Brasília os troncos sagrados utilizados no segundo Kuarup de 1986. Eles serão o símbolo para a criação do Centro Cultural do Parque Indígena do Xingu na Capital Federal.

A idéia surgiu junto com a política atual da Funai, aquela que pretende descentralizar a ação do órgão, em favor das delegacias regionais. Mas os índios não querem perder espaço cultural, principalmente numa cidade como Brasília, a capital do País. Para isso, já mobilizaram todas as lideranças xinguanas. De início, os brancos poderão conhecer mais de perto — e aprender — a cultura de nações fixadas no Parque do Xingu, um total de 33 aldeias, que apresentam diferentes troncos lingüísticos: Tupi, Aruak, Karibe, Jê e outros remanescentes dos grandes grupos que povoavam o Brasil. Mas o projeto deverá se expandir a ponto de congregar todas as nações indígenas existentes no País.

No Parque Indígena do Xingu, localizado no Estado de Mato Grosso, habitam 3.000 índios, que procuram manter seus costumes e tradições. São povos que sobreviveram — e sobrevi-

vem — da própria natureza e, apesar dos desafios, da hostilidade da selva, das intempéries do tempo, consolidaram sociedades estáveis, livres, com conhecimentos e tecnologia próprios. Agora, todas as nações residentes no local se unem para cumprir um objetivo comum: registrar a memória e a cultura de seus povos.

Suundo Ianaculá Kamaiurá, chefe de gabinete da presidência da Funai, a meta será o registro de todas as tradições, dos rituais sagrados e do cotidiano das aldeias. O início será com a cerimônia de recebimento dos Troncos Sagrados do Kuarup. Para quem não sabe, vale uma explicação sobre seu significado. O Kuarup é uma festa que se estende durante todo um mês, geralmente, na época da seca. São danças e rituais dedicados às pessoas mortas integrantes de linhagens de chefia e de prestígio junto às comunidades. Durante um mês, alimentos especiais são preparados, troncos enfeitados e integrantes das diversas aldeias reunidos para simular a ressurreição, a exemplo do primeiro ritual, realizado por Maucini, o Grande Pai, que não morre nunca.

Na mitologia indígena, os troncos — enfeitados com cocares, cinto e pinturas — representam os mortos. Durante a cerimônia, a ressurreição de uma pessoa importante para as aldeias é representada por cada tronco, assim, a pessoa não morrerá nunca mais. Diz Ianaculá: "A idéia inicial era de uma ressurreição efetiva, que devolvesse a vida a uma pessoa. Mas no primeiro ritual, realizado por Maucini, houve um contratempo e a ressurreição aconteceu somente com o espírito".

Os troncos — objetos sagrados para a cultura indígena — são os símbolos ideais para dar início à proposta de criação do Centro Cultural do Parque Indígena do Xingu. Na opinião de Ianaculá Kamaiurá, "uma conquista de espaço importante para o índio".

É possível que, na cidade, existam locais que se dispo-

FOTOS: MILA PETRILLO



O primeiro passo para a criação de um centro dinâmico do índio será a vinda, no dia 15, dos troncos sagrados do segundo Kuarup, de 86. Serão símbolos para implantação do Centro Cultural do Parque Indígena do Xingu.

nam a expor elementos da cultura indígena. Mas o Centro, certamente, será a primeira iniciativa surgida dentro das comunidades. "A Capital do Brasil precisava de uma iniciativa como esta, nascida de dentro para fora", afirma Ianaculá. E acrescenta: "A proposta é jogar os elementos da cultura indígena para conscientizar o branco e fazê-lo absorver mais a tecnologia indígena, que está tão esquecida. O branco fica se empenhando em criar mecanismos para a paz, de respeito à natureza".

Por enquanto, a criação do Centro Cultural do Parque Indígena do Xingu está em fase de elaboração. As lideranças, através de Ianaculá Kamaiurá, procuram um local para receber, provisoriamente, o mate-

rial que será enviado. Há a idéia de utilização de uma das casas da Península dos Ministros, que estão desocupadas. Mas ainda não existe a certeza. Os índios conversarão com o governador José Aparecido para tentar a liberação de uma das casas vazias. Do encontro também poderá resultar uma carta branca para que os índios façam uma pesquisa do melhor local para sediar, definitivamente, o Centro Indígena. De certo, só há muita vontade de trabalhar.

Entre as propostas de atividades a serem desenvolvidas no Centro estão laboratórios de cerâmica, pintura, dança, música, medicina alternativa (as melhores ervas com poder de cura) e história. Logo de cara, existe a idéia de convocar o Grande Pajé Sapaim para aulas de flauta e de medicina natural. Mas tudo não deverá ficar por aí. A administração ficará a cargo dos próprios índios, que explicam: "Contamos com o apoio de instituições dispostas a colaborar através de doação de recursos destinados à construção da sede do Centro Cultural do Parque Indígena do Xingu. Comprometemo-nos a encaminhar documentação necessária, bem como a prestação de contas de todas as despesas realizadas".

Eles explicam, ainda, a escolha dos Troncos do Kuarup como os primeiros símbolos a constar do arquivo do Centro: "O cerimonial Kuarup simboliza a libertação, a ressurreição, a marca do fim de um período de luto e reclusão. O retorno à vida, ao trabalho, às festas, ao Universo cosmológico e cultural. Foi pensando em homenagear nossos ancestrais, bem como todos aqueles que sucumbiram à luta pela sobrevivência física e cultural dos povos pré-colombianos, que as lideranças mais representativas do Parque do Xingu (Tacuna, Aritana, Raoni e Sapaim) decidiram trasladar para Brasília os troncos do Kuarup, objetivando a sua transformação em Monumento Histórico e Memorial Indígena".